

EDITORIAL

Redigir o editorial da Mix Sustentável, edição especial do ENSUS, é sempre estimulante, pois de certa forma foi o ENSUS o ponto de partida da Mix Sustentável. Foi no evento de 2008, realizado na UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, no segundo ENSUS, que os melhores artigos foram, pela primeira vez, publicados na então revista MIG – Revista Científica de Design. O projeto original da MIX Sustentável inspirou-se na extinta MIG. Trouxe uma visão mercadológica, aliando aos artigos científicos outras sessões como entrevistas, resumos de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso. Esta integração mercado e academia, graduação e pós-graduação tem por objetivo fomentar a leitura de artigos científicos em periódicos levando as inovações em pesquisa para a empresa e trazendo a visão do mercado para a academia. Principalmente a sessão de entrevistas, assumindo esse princípio, proporciona que os resultados das pesquisas não fiquem restritos ao público da pós-graduação, favorecendo a disseminação do que é produzido na pesquisa de ponta do País e dos países estrangeiros.

Falando um pouco do Brasil, esta edição é lançada no mês da Copa do Mundo. Como sempre o Brasil está classificado e cotado como favorito (o “trauma dos 7 x 1 parece ter ficado no passado). Nossa seleção, orgulho do país, cada vez menos “nacional”, é constituída por brasileiros de nascimento, europeus por escolha e oportunidade. Reflete a condição de ostracismo e impotência do povo brasileiro frente a realidade, não somente das universidades, mas da sociedade como um todo. A camiseta amarela de nossa seleção finalmente pode ser usada por todos, independente de ideologia política (pelo menos no mês da copa).

Vivemos recentemente dias de pânico porque não tínhamos combustível nos postos. A greve dos caminhoneiros escancarou a dependência Brasileira absurda, a nona maior economia do mundo, em um meio de locomoção arcaico e altamente poluente, que coloca por terra toda e qualquer ação efetiva de combate à poluição. Pesquisas afirmam que 95% da poluição atmosférica é causada pelos derivados do petróleo. Antes tivéssemos continuado a usá-lo para acender fogueiras ou embalsamar corpos, como se fazia em 400 – 300 a.C. No momento em que escolhemos gerar energia com petróleo alimentando nossos motores de combustão interna declaramos guerra ao meio ambiente em prol de nossa evolução. Na

esteira vieram os usos das sobras menos nobres, ou seja, o que não serve para fabricar combustível: parafina, produtos asfálticos, nafta petroquímica, querosene, polímeros, solventes, óleos lubrificantes, entre outros ampliando ainda mais o ataque ambiental. Enquanto o petróleo for o carro chefe da economia resta-nos, portanto, atuar nos 5% restantes para reduzir a poluição mundial, o que torna praticamente toda e qualquer ação paliativa.

Se a sustentabilidade é alicerçada nos conceitos ambiental, social e econômico, a greve dos caminhoneiros enfatiza a dimensão social e a coloca como líder no pátio da complexidade. A crise de pânico enfrentada pela população não foi causada por falta de alimentos ou água, ou qualquer coisa que originalmente poderíamos colocar no primeiro nível da Pirâmide de Maslow, mas que quase de imediato, coloca o combustível como um requisito prioritário para a sociedade Brasileira, dada a dependência de nossa sociedade consumista deste sistema de transporte de quatro rodas. A sociedade Brasileira paga a conta de diversas formas: pela poluição gerada; pelos altos impostos embutidos sobre um produto básico, de alto consumo, comercializado a preços exorbitantes comparando-se nosso preço à realidade mundial, e no qual somos praticamente autossuficientes; pela inexistência de modais de alternativas de transporte e pela escolha de um dos modais mais impactantes; pela poluição primária; pelo custo de manutenção da frota e, da infraestrutura viária (e por conseguinte impacto ambiental indireto, como resíduos de pneus, necessidade de jazidas de extração de terras e desflorestamento) em detrimento de alternativas mais eficientes e menos impactantes.

As previsões mostram que o problema enfrentado pela falta de combustível pode muito bem acontecer com a água potável (as mais pessimistas incluem essa possibilidade já para 2050, ou seja, daqui a exatos 32 anos). Podemos deixar nossos carros de lado, andar de bicicleta, a pé ou até a cavalo, caso prefiram. Mas podemos viver sem água?

Mas esse mês tem a Copa do Mundo, então vamos pensar nisso depois. Afinal se olharmos para o rio Amazonas nos parece um pouco improvável que um dia não tenhamos água doce para beber. Mais ou menos como os portugueses devem ter pensado a respeito do pau-brasil, 500 anos atrás.

De certa forma, durante a greve de caminhoneiros todos paramos para pensar e SE: cultivássemos mais alimentos em nossos quintais; dispuséssemos nossos resíduos em nossas hortas e tivéssemos menos resíduos secos para dispor; gerássemos nossa própria energia, coletássemos, armazenássemos e tratássemos a água em casa; colocássemos nossos filhos para estudar na escola do bairro (porque todas as escolas seriam oportunas para as crianças, sem distinção entre público e privado, melhor ou pior), usássemos mais as bicicletas em vias prioritárias para este meio de transporte e trabalhássemos perto de nossas casas.

Chegamos a ponto de quase desejar que a greve se prolongasse obrigando a sociedade a encontrar as alternativas em meio aquele vislumbre de uma sociedade mais sustentável. Sonho rapidamente desfeito e igualmente esquecido. Vamos torcer pelo nosso futebol!

Nesta edição, os autores dos artigos que tiveram as melhores notas atribuídas pelos avaliadores do evento ENSUS, foram convidados a revisar seus artigos, ampliando-os e atendendo as recomendações sugeridas. Dessa maneira, os artigos presentes na revista são versões estendidas e aprimoradas. Estar entre os selecionados é algo que pode ser comemorado: foram quase 200 artigos enviados ao evento, e destes, 14 estão presentes nesta edição. Da parte nacional do evento foram selecionados 11 artigos, sendo 3 de pesquisadores da UFPR (Universidade Federal do Paraná), 1 da Universidade Brasileira (ES), 1 da Universidade Estadual de Maringá (PR), 5 da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e 1 da UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Da parte internacional do evento, ou seja, dos artigos que foram enviados em língua estrangeira, o comitê selecionou 3 artigos: 1 da UEM (Universidade Estadual de Maringá), 1 da UNESP (Universidade Estadual Paulista) e 1 da UPV (Universitat Politècnica de València).

A edição traz também duas entrevistas: Rotoplast Engenharia, empresa com sede em Maravilha (SC) e Indústria Santa Luzia (Braço do Norte – SC). Formandos da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), UFSC e UPE (Universidade de Pernambuco) contribuíram com o envio de resumos de seus trabalhos finais de graduação. E mestrandos da UFPR e UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) contribuíram com o envio do resumo de suas dissertações.

Desejamos uma ótima leitura e convidamos ao envio de suas contribuições à Mix Sustentável, que recebe artigos em fluxo contínuo.

Lisiane Ilha Librelotto e Paulo Cesar Machado Ferroli